

CASA-GRANDE & SENZALA

POR FERNAND BRAUDEL*

Repetir depois de tantos outros que *Casa-grande & senzala* é a obra-prima de Gilberto Freyre é dizer pouco, muito pouco: por mais forte que seja o termo, não condiz com um sucesso tão raro e fulminante. Além disso, esta primeira obra de Freyre foi seguida por uma série de livros maravilhosos, nos quais o Brasil se escancara diante de nós infinitamente, tranqüilo e múltiplo, com o cheiro das suas plantas, florestas, casas, cozinhas, seus corpos brilhantes de suor. E o leitor provavelmente não deixará de seguir sua trilha, ainda mais considerando que o livro que continua e completa *Casa-grande & senzala* — *Sobrados e mucambos* — é no mínimo tão bonito quanto, talvez mais bonito ainda, e de inteligência rara. É de se esperar que o editor Einaudi publique logo também este livro para o público italiano. Na verdade ninguém consegue se separar dos livros de Freyre desde que os tenha aberto, como não se separa dos romances de Dumas ou da obra caudalosa de Proust. Claro que aqui estamos diante de um universo muito mais violento e carnal que o mundo um tanto quanto sofisticado de *Côté de Guermantes*. É isto que deve ser explicado em face de um livro que nasce mais uma vez hoje, graças a essa excelente tradução italiana.

Em 1933, *Casa-grande & senzala* surgia em um Brasil doente, como o mundo da época, em sofrimento na sua vida material, na sua realidade política, social, intelectual. O novo livro, de finíssima escritura, causou escândalo imediato: o Brasil daqueles anos queria ser Europa e se colocava do lado da casa-grande, dos brancos. Tenho em mãos uma resenha muito dura, publicada no mesmo ano em São Paulo. Como admitir aquela linguagem, aquele casamento entre três raças, a branca, a "vermelha", a africana (ainda vá lá a indígena, mas a negra!)? Como aceitar aquela negação de uma luta de classes e entre peles de várias cores, em nome de uma genérica e reconhecida promiscuidade de relações sexuais? O senhor-de-engenho conhecia, e muito bem, o caminho para as senzalas. Seus filhos, negros e brancos, ou melhor, mestiços e brancos, eram criados todos juntos nas grandes mansões coloniais. Aquele sangue misto marcou, pouco a pouco, insidiosamente, todos os homens e todas as mulheres do Brasil nordestino, criando um paraíso erótico, no qual, ao final, todos tiraram

(*) Extraído de *Padroni eschivi: la formazione della famiglia brasiliana in regime di economia patriarcale*. Turim: Einaudi, 1965. Tradução do italiano: Maria Betânia Amoroso.

vantagens, encontraram seus lugares, sua consolação. Francamente, era uma história muito estranha, quase uma ciência que confundia os gêneros. "Era como" — escreveu recentemente Alain Bosquet — "se para ensinar a geometria no espaço ele fosse ilustrado por nus femininos, ou como se a economia fosse uma planta coberta por mangas e flores". E acrescentava, depois de concluída a leitura: "Não há rio, não há pássaro raro que não tenha deixado em nós a lembrança de um carinho duradouro". Difícil dizer melhor: percorrer os livros de Gilberto Freyre dá um prazer concreto, físico, como viajar em sonho pelas paisagens tropicais e luxuriantes de Henri Rousseau. Mas é também um prazer intelectual de qualidade excepcionalmente rara.

É justo comemorar que a lição dada por estes livros tenha sido quase que prontamente compreendida no próprio Brasil; que o país, depois da primeira careta, do primeiro mau-humor impulsivo, tenha se reconhecido em tal retrato tão simpático e sincero: simpático, e cada vez mais à medida que o modelo europeu diluía-se no decorrer da II Guerra Mundial, no mundo que conhecemos bem; sincero, já que o Brasil foi o primeiro país do Novo Mundo capaz de dominar o complexo das raças ditas inferiores e dos odiados sangues mistos, conseguindo assim tomar posse do seu passado verdadeiro.

Mais do que uma obra-prima, portanto, o livro de Freyre é uma revolução, uma vitória do amor dos homens pelos seus semelhantes. E ele continua a ser lido, relido, revivido pelas novas gerações brasileiras — está na décima sexta edição... Não, não se pode compará-lo a *Cité antique* de Fustel de Coulanges, muito intelectualizado e sensato, embora a associação tenha sido feita mais de uma vez, e logicamente. Seria como confrontar uma vigorosa poesia do folclore brasileiro com uma ode clássica da literatura italiana ou francesa. O leitor perceberá a diferença facilmente, desde as primeiras notas desta música "corpórea", fascinante, irresistível.

Só mais tarde, passado o encantamento, percebe-se a inteligência aguda deste trabalho. Uma inteligência que não nos é imposta, à moda francesa, como um construção preconcebida, lógica, autoritária. Ela nasce das páginas tumultuadas, mais cantadas do que escritas (e a voz se compraz com as repetições, as retomadas de ares familiares), e é o segredo profundo da juventude deste livro, pensado com força, com alegria, sem pedantismo — excetuando a necessidade de citar, de enumerar as fontes, a que às vezes Freyre dá muito espaço (fez bem, muito bem, em ter lido tudo, mas melhor ainda é ter sabido ver e tornar visíveis a realidade, a cor, o perfume dos seres e das coisas). O milagre decisivo é ter sabido misturar uma narração histórica exata, atenta, com uma sociologia de uma finura sem defeitos, o tempo frenético dos acontecimentos com o tempo semi-adormentado das realidades sociais. A mansão dos patrões, as cabanas dos escravos, o açúcar dos engenhos (de outro modo, dependendo das regiões brasileiras, poderíamos dizer: o ouro extraído dos rios, das areias; o algodão das plantações; o café das grandes fazendas), esse é o quadro no qual se move a grande família, a *gens* primitiva, em cujo seio se formou o primeiro Brasil,

patriarcal, duro e terno, pagão e cristão, negro e branco, feliz de viver, obrigado a se abandonar a uma vida excessiva, violenta e sempre circunscrita. Tudo passa, circula, se explica naquela paisagem primitiva, naquele "triângulo colonial", como definiu o autor: a casa-grande, o engenho de açúcar e a capela onde são enterrados os mortos célebres. Tudo isso invoca sem dúvida uma certa antigüidade, mas desde que se saiba traduzi-la na linguagem dos cantos primitivos, com um acompanhamento de músicas africanas.

Se o leitor quiser saber como — com a primeira onda de urbanismo — se irá desfazer esta paisagem primitiva, deverá ler *Sobrados e mucambos*: a migração de patrões e de escravos em direção à cidade brasileira dos séculos XVII e XVIII, em direção às curiosidades, às indiscrições, à modernidade das ruas, uma migração feita ontem e já tão distante no tempo, nos anos em que D. Pedro II, moço ainda, era o protótipo dos jovens intelectuais brasileiros. E o leitor italiano pensará provavelmente na migração da nobreza fundiária em direção às inquietas cidades da Itália do século XIII... São milhares de possibilidades para sonhar nestas páginas vivas de Gilberto Freyre, feitas para o prazer de ver e de compreender, mas com a condição de estarmos atentos, de nos sentirmos melhor.